



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14924 - Resumo Expandido - Trabalho - XVII Reunião Regional da ANPEd Centro-oeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 16 - Educação e Comunicação

LITERATURA INFANTOJUVENIL NEGRA COMO TECNOLOGIA DE RAÇA E GÊNERO EM UMA FORMAÇÃO EM REDE

Marta da Conceição de Paula - UFMT/Campus de Cuiabá - Universidade Federal de Mato Grosso

Tereza Fernandes - UFMT/Campus de Cuiabá - Universidade Federal de Mato Grosso

Agência e/ou Instituição Financiadora: Fundação de amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso

LITERATURA INFANTOJUVENIL NEGRA COMO TECNOLOGIA DE RAÇA E GÊNERO EM UMA FORMAÇÃO EM REDE

O estudo faz parte do dispositivo de uma pesquisa desenvolvida no âmbito do Doutorado no Programa de Pós-graduação Educação (PPGE) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), visando discutir os feminismos plurais abarcando a interseccionalidade entre gênero, raça e classe e suas potencialidades em processos de formação em rede, por meio de um desenho didático interativo em ambiente virtual de aprendizagem (AVA), com estudantes de um curso de licenciatura em Pedagogia, modalidade a distância.

A metodologia acionada é a pesquisa-formação na cibercultura (Santos, 2019), que possibilita a inclusão do pesquisador no processo vivenciado, interpretando e compreendendo o fenômeno em um movimento em que o pesquisador se forma e forma o outro na relação de estar junto, fazendo ciência e produzindo conhecimento.

A formação materializou-se em um curso de extensão “Educação, Literatura, Tecnologia e Arte: interseccionalizando gênero, raça e classe”, realizado nos meses de

fevereiro e março de 2024, organizado em 5 unidades: 1 - Mulheres plurais e atravessamentos; 2 - Interseccionalidade entre gênero, raça e classe; 3 - Mulheres tradicionais, camponesas, quilombolas e indígenas; 4 - A literatura infantojuvenil como tecnologia de raça e gênero; e, 5 - Narrativas de si. O desenho didático contou com momentos síncronos e assíncronos no AVA. Os encontros síncronos ocorreram pelo *BigBlueButton* na plataforma *Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment (Moodle)* e as atividades assíncronas com interfaces digitais que favoreceram interação e interatividade como Fórum e *Wiki*, dentre outras.

As professoras formadoras são mestrandas e doutorandas do PPGE e fizeram parte de um projeto mais amplo envolvendo práticas sociais com tecnologias digitais e estudos dos ciberfeminismos plurais. O referencial teórico, as vivências e experiências dessa formação foram basilares para o desenvolvimento do curso mencionado.

Para este texto fizemos um recorte em uma das unidades do curso, visando discutir a literatura infantojuvenil negra como tecnologia de raça e gênero e as suas potencialidades em processos formativos em rede. Iniciamos a unidade 4 acionando um artefato cultural, um *slam* “A solidão tem cor, a solidão é preta” postado no canal Manos e Minas no *YouTube* (https://www.youtube.com/watch?v=zVPPLS_UG0c&t=13s), como disparador para dialogarmos com a interseccionalidade (Akotirene, 2019) e para a compreensão de que os marcadores de identidade e raça condicionam as vivências e experiências de gênero e classe.

Para compreender o que são os marcadores de identidade discutimos conceitos essenciais como identidade pessoal e social, raça e etnia. Gomes (2005) nos auxiliou a compreender que no Brasil as relações raciais são permeadas por diversos termos e conceitos, mas que para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), pessoas negras são o grupo que se autodeclara pretos e pardos, bem como sobre a importância de realizar a autodeclaração de forma consciente. Dialogamos com a interseccionalidade, por meio dos dados estatísticos, identificando espaços e grupos que apresentam desigualdades e opressões, sendo possível pensar políticas públicas de nivelamento da igualdade e acesso aos bens públicos como educação, segurança, saúde e redistribuição de renda.

De acordo com Munanga (2019), identidades estão presentes em todos os grupos humanos e se relacionam a aspectos de semelhanças e diferenças entre os grupos sociais, sendo a autodefinição e a definição do outro componentes de distinção das identidades sociais. Para Gomes (2005) as identidades resultam das diferenças, e os grupos sociais, ao mesmo tempo que buscam construir suas identidades, o fazem evocando suas diferenças, buscando uma unidade dentro de seus grupos, sendo essa relação uma unidade e um sujeito político.

Tomamos como ponto de partida a identidade negra para, também, pensar as identidades e grupos não-brancos, dialogando com os conceitos de eurocentrismo e ideologia branca que permeiam nosso imaginário social e dão sustentação à supremacia de grupos

brancos em relação aos outros grupos que, no nosso caso, delimitamos às três raças presentes de forma mais marcante no Brasil: brancos, indígenas e negros.

Pensando na relevância da literatura infantojuvenil negra enquanto potência para discussões com crianças, julgamos essencial destacar os entendimentos a respeito do racismo como fenômeno social mundial, em (co)dependência com o sistema capitalista (Almeida, 2020), e suas formas de expressão no contexto brasileiro.

O racismo em nossa sociedade se dá de um modo muito especial: ele se afirma através da sua própria negação. Por isso dizemos que vivemos no Brasil um racismo ambíguo, o qual se apresenta, muito diferente de outros contextos onde esse fenômeno também acontece. O racismo no Brasil é alicerçado em uma constante contradição. A sociedade brasileira sempre negou insistentemente a existência do racismo e do preconceito racial, mas, no entanto, as pesquisas atestam que, no cotidiano, nas relações de gênero, no mercado de trabalho, na educação básica e na universidade os negros ainda são discriminados e vivem uma situação de profunda desigualdade racial quando comparados com outros segmentos étnico-raciais do país (Gomes, 2005, p. 43).

Para dialogar com as contradições abordadas por Gomes (2005), nos apoiamos em Almeida (2020), para identificar as formas como o racismo se manifesta e compreender como ele estrutura as relações no Brasil, assim como, no proposto por Nascimento (2016), quando explica que no Brasil o racismo é de marca, ou seja, está condicionado a proximidade com o fenótipo africano e permeia o imaginário social, as instituições e as relações de normalização hierárquicas. Essa negação, que conferimos as expressões do racismo à brasileira (Gonzalez, 2020), também é abordada por Gomes (2005), como tendo base no mito da democracia racial, eugenia e ideologia branca. Em linhas gerais, os autores nos conduzem à compreensão das origens das expressões do racismo no Brasil, para além de um resquício do período de escravização de pessoas negras.

Identificamos, no coletivo, que é nos contextos sociais e culturais que aprendemos as noções de raça e racismo, identidades negras e o que representa ser negro no Brasil, nos convocando a pensar formas concretas de combate ao racismo e a positividade das identidades negras. Nessa direção, a literatura Infantojuvenil negra é um importante artefato cultural para trabalhar com as noções de raça e gênero na educação básica.

A literatura infantojuvenil negra faz parte de uma estratégia antirracista para reposicionar os significados de ser negro e negra, atribuindo sentidos positivos às características fenotípicas antes associadas ao negativo, feio, sujo e desvalorizado, daí a sua importância em práticas pedagógicas com crianças (Xxxx; Xxxxxxxx, Ano, p.xx).

Como forma de conversar com as estudantes realizamos a leitura do livro “História

pretinha das coisas: as descobertas de Ori”, de Barbara Carine Soares Pinheiro, que conta sobre a viagem de uma menina de 6 anos de idade à África, junto com suas duas mães. Na viagem elas aprendem sobre reinos africanos, artefatos tecnológicos e científicos e diversos saberes originários, conhecimentos que permitem positivar as ancestralidades negras, de grande importância para a humanidade. Nessa conversa, Cosson (2019) nos fez pensar a literatura como arte, situada em contextos sócio-histórico e cultural que proporciona a ampliação da visão de mundo, por meio das experiências de outros que, no caso da identidade negra, pode auxiliar as crianças a reposicionarem imagens negativas e de inferioridade. A leitura e as discussões foram importantes para a percepção das estudantes sobre as potencialidades de um currículo diversificado e em movimento, bem como sobre a literatura infantojuvenil negra como uma tecnologia de gênero e raça, pois favorece a desconstrução de estereótipos, de narrativas hegemônicas e possibilita a ressignificação dos conhecimentos ancestrais.

Para ampliar o debate embasadas na lei 10.639/03 que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história de africanos e afro-brasileiros, julgamos pertinente propor uma identificação das narrativas literárias de acordo com suas intencionalidades. Com inspiração em Araújo (2018) e Pinheiro (2021) propusemos uma abordagem da Educação das Relações Étnico Raciais, por meio da distinção de três tipos de literatura, as quais variam de acordo com as intencionalidades pedagógicas docentes. *A literatura infantojuvenil negra afro brasileira*, aquela que aborda os elementos da cultura africana ressignificados na diáspora, como: acarajé, capoeira, samba, cururú, mitologia dos orixás, feijoada, axé, samba, *reggae*, *slam* e outros. *A literatura infantojuvenil negra antirracista*, que tem como foco a reversão do sistema de opressões raciais, por meio da denúncia do racismo e, por fim, *a literatura infantojuvenil afrocêntrica*, como a obra que realizamos a leitura no curso e que socializa ensinamentos acerca de África, suas múltiplas culturas e relações espaço-temporais: produções científico-tecnológicas, artísticas, filosóficas, reinos, impérios etc.

Com a formação desenvolvida foi possível compreender a potência de processos formativos em rede entre a pós-graduação, a graduação e a escola de educação básica, pela interação, diálogo e trocas entre professoras formadoras e estudantes futuras professoras em interação com seus alunos; o caráter colaborativo da formação que amplia as discussões tanto para a cocriação de um desenho didático *on-line*, quanto para o compartilhamento das inventividades criativas e inspiradoras; e a composição de acervos e experiências para uma docência antirracista com a literatura infantojuvenil negra na escola.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil negra. Interseccionalidade. Tecnologia de raça e gênero. Identidades. Formação em rede.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

ARAÚJO, Débora Cristina de. As Relações Étnico-raciais na Literatura Infantil e Juvenil. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 69, p. 61-76, maio/jun., 2018.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

GOMES, Nilma Lino. Alguns Termos e Conceitos Presentes no Debate Sobre Relações raciais no Brasil uma Breve Discussão. In: **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº. 10.639/03**. SECAD: Brasília, 2005. p. 39-61.

GONZALEZ, Lélia. RIOS, Flávia. LIMA, Márcia (Org). **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

NASCIMENTO. Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. 3ªed. São Paulo: Perspectivas, 2016.

XXXXX, xxxxx. XXXXX, xxxxx. Literatura infantojuvenil negra como disparadora de educação antirracista, letramentos digitais e literários. **Revista Literatura em Debate**, v. 17, n. 30, p. 41-55, jul./dez., 2022.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **História Preta das coisas: 50 invenções científico-tecnológicas de pessoas negras**. Sao Paulo: Editora Livraria da Física, 2021.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **História Pretinha das coisas: as descobertas de Ori**. Sao Paulo: Editora Livraria da Física, 2022.

SANTOS, Edméa Oliveira dos. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Santo Tirso: WhiteBooks, 2014.